

LUÍS DE CAMÕES

20 Sonetos

INTRODUÇÃO E EDIÇÃO COMENTADA

Sheila Hue

EDITORIA UNICAMP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AOS SONETOS DE CAMÕES.....	7
NOTA SOBRE ESTA EDIÇÃO.....	41
SONETOS E COMENTÁRIOS	
I – ENQUANTO QUIS FORTUNA QUE TIVESSE.....	45
Comentário ao Soneto I.....	46
II – TRANSFORMA-SE O AMADOR NA COUSA AMADA....	51
Comentário ao Soneto II.....	52
III – BUSQUE AMOR NOVAS ARTES, NOVO ENGENHO	57
Comentário ao Soneto III.....	58
IV – ALMA MINHA GENTIL, QUE TE PARTISTE.....	61
Comentário ao Soneto IV.....	62
V – DE VÓS ME APARTO, Ó VIDA, EM TAL MUDANÇA....	67
Comentário ao Soneto V.....	68
VI – SETE ANOS DE PASTOR JACÓ SERVIA.....	71
Comentário ao Soneto VI.....	72
VII – ESTÁ O LASCIVO E DOCE PASSARINHO	75
Comentário ao Soneto VII.....	76
VIII – PEDE O DESEJO, DAMA, QUE VOS VEJA.....	79
Comentário ao Soneto VIII.....	80

IX – MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES	83
Comentário ao Soneto IX	84
X – QUANDO DE MINHAS MÁGOAS A COMPRIDA	87
Comentário ao Soneto X	88
XI – COMO QUANDO DO MAR TEMPESTUOSO	91
Comentário ao Soneto XI	92
XII – AMOR É UM FOGO QU'ARDE SEM SE VER	95
Comentário ao Soneto XII	96
XIII – O CÉU, A TERRA, O VENTO SOSSEGADO	99
Comentário ao Soneto XIII	100
XIV – CÁ NESTA BABILÔNIA, DONDE MANA	105
Comentário ao Soneto XIV	106
XV – VENCIDO ESTÁ DE AMOR MEU PENSAMENTO	109
Comentário ao Soneto XV	110
XVI – NA RIBEIRA DE EUFRATES ASSENTADO	113
Comentário ao Soneto XVI	114
XVII – AH MINHA DINAMENE, ASSI DEIXASTE	117
Comentário ao Soneto XVII	118
XVIII – O TEMPO ACABA O ANO, O MÊS E A HORA	121
Comentário ao Soneto XVIII	122
XIX – A FERROSURA DESTA FRESCA SERRA	125
Comentário ao Soneto XIX	126
XX – O DIA EM QU'EU NASCI MOURA E PEREÇA	129
Comentário ao Soneto XX	130
BIBLIOGRAFIA	135
FONTES DAS FIGURAS	141

INTRODUÇÃO AOS SONETOS DE CAMÕES

Uma palavra central em Camões é viagem. Deslocamento para outros hemisférios, encontro com terras e culturas remotas e estranhas, mas ligadas a Portugal – e ao Brasil – por meio de extensas rotas marítimas muito frequentadas, que cortavam o globo terrestre de um lado a outro. Lisboa, Coimbra, Moçambique, Goa, Macau, o mar Vermelho, o Malabar e o Vietnã, entre outras regiões, são os cenários que enquadram o viajante, soldado e também poeta em sua peregrinação pelo império português, que se estendia até o Japão.

Viagem também intelectual, pelas vastas paisagens poéticas que frequentava desde menino, com certeza. O enorme, sólido e inteligente conhecimento que Luís de Camões mostra, em seus versos, sobre matérias como filosofia antiga, medieval e renascentista, literatura e gramática latinas, retórica, poesia espanhola moderna e medieval, entre outras, mostra como a educação formal que recebeu foi de primeira linha, conjugando o antigo conhecimento tradicional da Idade Média às novas matérias introduzidas pelo Humanismo renascentista.

O mundo em que Camões cresceu e viveu mudava rapidamente, seja na produção e na divulgação de conhecimento por meio de livros impressos, seja no deslocamento intenso

entre os continentes, seja no modo de vida tanto dos que ficavam quanto dos que partiam. Nos armazéns da Alfândega da cidade em que viveu, Lisboa, havia mercadorias de todas as partes do mundo conhecido e falavam-se línguas europeias, americanas, africanas e orientais. Como descreveu um amigo próximo, André Falcão de Resende, Lisboa era “um compêndio do mundo”.

A joia da Coroa eram as chamadas Índias Orientais, onde Camões viveu durante 17 anos. Era tal a movimentação de pessoas e bens entre Portugal e as regiões banhadas pelo Índico que a palavra Índias passou a designar *riquezas* em bom português. O contato com o Oriente foi tão próximo que o termo *chatinar*, palavra oriental que designa comerciar, integrou-se ao vocabulário cotidiano em Portugal. A chatinagem, como se dizia, amparava-se no projeto das Coroas ibéricas, Portugal e Espanha, de colonização do Novo Mundo, incluindo a América, a África, a Índia e as ilhas orientais, de onde vinham as valorizadas especiarias. Segundo os próprios colonizadores, o objetivo principal era expandir “a fé e o império”, como resumiu Camões em *Os Lusíadas*, ou seja, levar a religião católica e a monarquia portuguesa aos quatro cantos do mundo.

No Oriente, a dominação portuguesa sobre os povos e sítios locais se mantinha em um estado permanente de guerra. Luís de Camões era um soldado, engajado em batalhas e movimentações militares. Era também um poeta, em que se manifestavam, em língua portuguesa, de forma singular, as tradições medievais e a modernidade renascentista. Ele mesmo construiu em seus versos a autoimagem de soldado-poeta, feita à medida de um ideal de homem de sua época. “Numa mão sempre a espada, e noutra a pena”, escreveu em *Os Lusí-*

das, como uma espécie de lema de vida. Neste livro de sonetos, veremos como Luís de Camões brande a pena, esgrimindo com os grandes poetas, seus modelos, em uma aventura inovadora que deixaria marcas perenes na poesia em língua portuguesa.

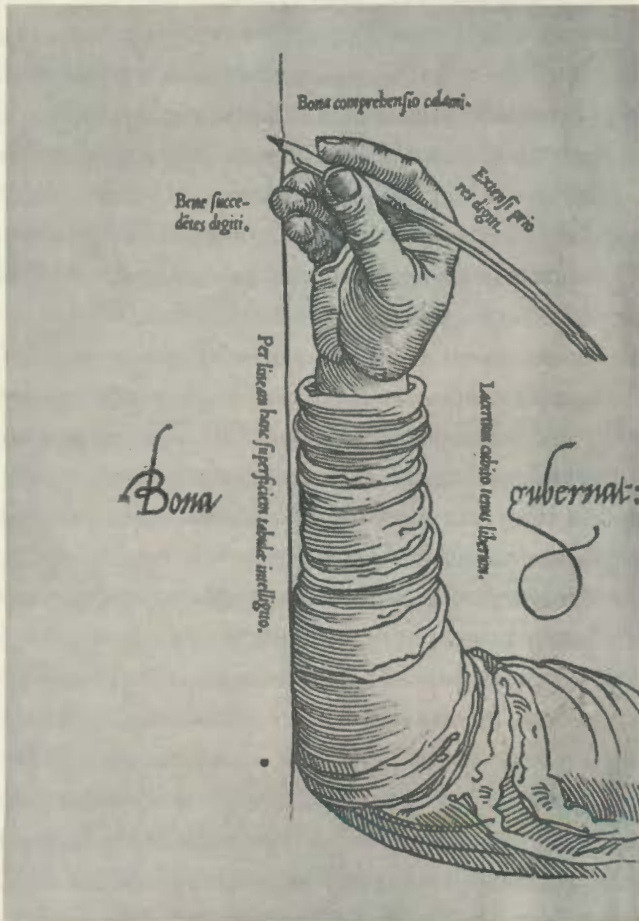


Figura 1 – Imagem de uma pena de escrever segundo Gerard Mercator em 1540.